

Ministro pode adiar volta ao Brasil para ver Diretor do FMI

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Depois de conversar hoje de manhã com o Secretário do Tesouro, James Baker III, o Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, deverá encontrar-se ainda com Alan Greenspan, o novo Presidente do Federal Reserve (o Banco Central americano) e com o Diretor Executivo do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus.

A Direção do FMI vai examinar, amanhã, um relatório específico sobre o comportamento da economia brasileira, crucial para a renegociação da dívida externa com os banqueiros privados, marcada para a última semana deste mês. O interesse do Brasil nesse informe é tão grande que Bresser Pereira está inclinado a adiar sua volta a Brasília, marcada para hoje à noite.

— Se não houver tempo hábil para o encontro com Camdessus, ou se ele chegar muito cansado da Europa, a conversa entre ele e o Ministro (Bresser Pereira) poderá ficar para quarta-feira — disse, ontem, o Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio

Marques Moreira.

Bresser Pereira preferiu passar o dia ontem em Nova York ("Vou aproveitar para ir ao cinema" — disse ele ao GLOBO) a estar presente na comemoração do Dia da Independência, na Embaixada do Brasil na capital americana. Ele viajou para Washington à noite. Se tivesse ido à festa, na hora do almoço, ele se encontraria com o ex-Ministro do Planejamento, João Sayad, que surpreendeu alguns convidados dizendo que está interessado em aplicar no mercado secundário da dívida externa.

Isto significa que Sayad está interessado em comprar títulos da dívida brasileira, que hoje estão com uma cotação baixa, para revendê-los após a renegociação com os banqueiros. Cada dólar da dívida brasileira vale, hoje, apenas 54 centavos, mas a previsão é de que, uma vez negociada a dívida, esses papéis passem a valer mais: a expectativa é de que cada dólar volte a ser cotado a 85 centavos, como no ano passado.

A perspectiva de negociação com o Brasil, ontem, foi enriquecida por um novo dado que já preocupa os

banqueiros privados dos Estados Unidos. Trata-se da ampla vitória dos peronistas nas eleições argentinas, realizadas domingo passado. Enquanto as autoridades brasileiras tentavam avaliar se isso prejudicaria as boas relações do Palácio do Planalto com a Casa Rosada, os credores de ambos os países tratavam de relacionar esse fato à questão da dívida externa.

O temor dos banqueiros é de que, agora, Brasil e Argentina cheguem a concretizar algo que se insinuava no ar. Ou seja, uma união concreta em torno da questão da dívida. Isso porque, segundo a plataforma peronista, o Governo argentino deveria aplicar mais capital na área social. Como o país não tem de onde tirar mais dinheiro, esse capital deveria ser conseguido através de uma estratégia natural: a interrupção, por um tempo determinado, do pagamento dos juros da dívida externa, a exemplo do que fez o Brasil em fevereiro passado.

A perspectiva de ter de lidar com uma moratória dupla — Brasil e Argentina — poderia tornar os banqueiros mais flexíveis à proposta que ouvirão de Bresser Pereira nos próximos dias.